

VESTÍGIOS FENÍCIOS

Livro 1

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal

© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação

Dedico este livro aos imigrantes libaneses
e seus descendentes.

Roberto Curi Hallal

Roberto Curi Hallal



ABERTURA

Cheguei a tempo à idade em que tenho que me ocupar da idade. Cheguei a esse refúgio aceitável em vigília, dei-me conta de cuidar do mascate*, de fazer desse caminho algo como levar afetos em fardos de algodão.

**mascate – termo com que se denomina no Brasil os emigrantes sírio-libaneses que levavam mercadorias para oferecê-las nas casas.*



MINHA COMPANHIA

Sonho com mares calmos, com tempos generosos e estrelas-guia. Sonho em te dizer; voltei com mais do que fui. Nas longínquas terras alcancei a simpatia de outros povos. Os mares me cuidaram. Não me faltou a paciência para chegar e a saudade para voltar. Por dois anos fui a onda, o sal, a lua e a esteira, fui a brisa marinheira, fui a vela, o remo, na solidão fui a minha companhia.

ENTRANHAS

Tenho minhas entranhas ocupadas pela intrusa consciência que se converte em ser carne. Sofro o espanto por todos os afetos desprotegidos. Refugio-me nas raízes que insistem em me sustentar.



EU SOU

Sou o barco, o remo, a rota, a carga, o vento, os mares e as marés. Sou as estrelas, a proa e a popa, sou a esperança da chegada e a ruptura da partida. Sou o transportador de encontros e despedidas, sou todos os embarques e desembarques.

POVOAR OÁSIS

Esforço-me em resolver pendências, dominado pelo hábito de sonhar impossíveis, tudo isso por pura empolgação e nostalgia, uma ponta de pretensão atrás de sentir algo novo que me aguce a ilusão de povoar oásis.



ALMA FENÍCIA

Uma alma fenícia, inquieta e solidária, transporta séculos infinitamente reproduzidos. Vindos de naufrágios e sobrevidas essa alma fenícia anuncia que no fundo do tempo os relógios não esgarçam todos os sentidos.

ALMA

Essa alma fenícia, inquieta e solidária, quase naufraga que investiu em ser hábil sobrevivente, transporta séculos de naufrágios e chuvas que retardam idas e voltas.



AS RAÍZES

As raízes mais profundas portam terminais de vasos e nervos que no seu conjunto avisam o sigo e o desisto.

A FALA QUE ENDEREÇA

A fala que endereça, fala com as casas, com os botões, fala sozinha, prega no espelho, fala a traços largos, desfia pequenas histórias, quase fábulas, versifica racontos, recitas, esboços, resenhas, ensaios. Evita tropeços até chegar ao necessário e íntimo silêncio



PASSOS

Os passos não se apagam, deixam suas marcas para que o vento eleja o encobrimento. Cada itinerante deverá construir seu caminho deduzindo a base e a evidência singular que anima o próximo passo.

CERTEZA ATÁVICA

Uma certeza atávica se soma à uma história certa que remete a cultos de um tempo de silenciosas caravanas, remetem cada passo à ancestralidade que lhes alcança a cada nova vida.



LETRAS CALADAS

De que valem essas letras se as deixamos em silêncio? Far-se-ão nostalgias, esvaziarão aos atos. A letra que acaricia é albergue. No mérito de ser enunciados, encherão os vazios dando ao afeto uma ocasião para oferecer-se cortesmente.

OS VENTOS

Nos desertos até os ventos são companhia. À noite vêm contar histórias de tudo, desde armadilhas dos sons soltos, das recusas prováveis, dos alentos abandonados, dos gigantescos medos e sonhos, fontes de sobrevivência. Fluindo, sem oposição, os ventos passam; nunca ficam.



AMORES ATEMPORAIS

Rever é atualizar saudades daqueles por quem temos carinhos atávicos e atuais.

O QUE FAZER

Há que guardar em lugares recém-inaugurados o alimento das coisas renunciadas e a extensão dos calendários.



OUTRA COISA

Se não se pode amar que outra coisa fazer?

SOMOS

Transmissores de mitos e consignas secretas apontam para que nos cuidemos como inventores do íntimo e da matriz, sem esquecer que somos intermediários da vida, da origem e de seus destinos.



CONSTRUÇÃO

A vida é uma construção permanente que precisa ser alimentada todos os dias, portanto nada é definitivo, só aquilo que se cuida sempre e sempre e alimenta e devota e admira e cultiva e acaricia e enaltece e no fim do conjunto aprende a amar.

OS SÉCULOS

Em protagonismo acompanhado os séculos se acostumaram a viver em nossa companhia.



NO FUNDO DO TEMPO

No fundo do tempo os relógios esgarçam seus sentidos.



A DANÇA DAS AREIAS

Turvas areias sem profundidade sempre despertam ao anoitecer. Têm a pressa dos rios e dançam no escuro. Levam sombras para as tendas, correm vertiginosas subindo e descendo as dunas de mãos dadas distraídas com o vento, catando distâncias.

AREIAS IMPREGNADAS

Areias impregnadas de gestos enamorados e de saís vêm à noite como se fosse o amor trazer agitadas companhias. Oferecer momentos tão fortemente vividos até o esgotamento quando cansadas fazem silêncio enquanto se despedem aguardando as próximas sementes de sol.



OS DESERTOS ESPERAM DILÚVIOS

Os desertos esperam dilúvios enquanto no mar infinito das areias mais loucas, eufóricas se guiam sonhando com marés, deslizam com graça infinita no corredor dos ventos travessos fechando os olhos de quem olhar se atreva.

MEMÓRIAS DE DAR MEDO

Areias que vivem séculos guardam memórias de dar medo, de dar raiva e pena. Impotentes aos tempos e as demandas, faltosas de socorros, sem sombra e sem pão, sofrem gêmeas dores como plateia, impotentes.



VIVER É IMAGINAR

Viver é imaginar uma paisagem e seus elementos contidos nas entrelinhas das evidências quando incluídas as emoções mobilizadas pelo exílio, pela emigração, pelas lembranças de grupos corporalmente ausentes.

RESTAM AS ESPERANÇAS

Só me restam as esperanças que me levarão de volta àquele valor mediterrâneo, àquelas aldeias libanesas onde nasceram meus pais. Elas guardam meu sonho maior de voltar ali e beber a água das montanhas de Asrun.



PEDAÇOS

Se alguém encontrar pedaços dos meus sonhos recolha-os em silêncio com o mesmo respeito silencioso com que os espalhei.

RETRATO

O retrato colocado sobre a luz que o iluminava, estático na parede, fixava uma imagem antiga de mim que só reconheço com um esforço de memória. Calças curtas a mostrar as pernas ainda não crescidas. De cada lado do meu sorriso uma mão afável a tocar-me levemente os ombros, duas figuras mais velhas a ladear-me como protetores da minha fragilidade. Sob aquela tutela, meu olhar deixava escapar uma curiosidade de que não me lembro, pois na fotografia eu não olhava para frente. Detrás dos personagens um rádio capelinha que não emite som, a mesa oitavada que o sustenta coberta por uma toalha de crochê. Foto assim só em data comemorativa. Não me lembro mais do quê...

SEM MIM

Quando te convido a olhar comigo as tempestades de areia, me dizes que preferes olhar sozinha e eu perdido, sem rumo e sem sorte, te contemplo. Teus olhos morenos guardam em mistérios que não desvelo.



CUMPRO

Cumpro com o prometido
Vou-me sem haver profanado o corpo da mulher amada
No deserto não se deixam marcas
No amor não há pecado.

REMANOSOS

Remansos guardados a sete chaves serão requisitados por medida de urgência. Estou vivendo de cargas excessivas. Visto o céu e o mar de azul, mas até quando? Não sei perder certas manias. Invento cenários como se o mundo fosse só meu, invento estrelas cadentes e marés só minhas, faço voltas nas alegrias e reviravoltas nas coisas que imagino, navego no azul do céu, voo no azul dos mares. Confundo os pés e a cabeça, à volta e a ida. Evadindo antigas, apresento novas verdades. Venho de um lugar sem fundos; com as ambições avariadas, semeio e desafio a alma, autorizo o que venha.



TRAGO

Trago umas esperanças desde criança, um caminhão de esperanças, uma bola, uma magia, muitos sonhos, deslumbres, maravilhas, um pião, uma pandorga um poder brincar e um já vai passar. Por instantes repouso a vida aqui no pilão e no espeto.

MOLDES

Os prazeres serão patrimônio; os moldes, guardados.



SEM SOLIDÃO

Não existe solidão nos desertos, tudo foi combinado para os conjuntos se acompanharem; de dia, o sol e o calor; a noite o frio, de dia a calma e de noite agitadas ventanias, De dia a vontade de chegar, de noite a vontade do descanso. De dia a sede, à noite o sono. Distribuídos entre os frios e os calores a Natureza espera ser decodificada.

ESTRELAS E ÁGUAS

Estrelas prisioneiras passam pela lua deixando luzes, doando pedaços feitos rastros, ofertando parte da sua alma antes de chegar. Alma dividida entre as águas marinheiras que feito marés se agitam, e as areias sedentas que agitadas evitam a frustração dos desencontros com elementos sabem que jamais voltarão a se encontrar.



MESMAS AREIAS

Mesmas areias, habitantes antigos do mesmo deserto que nunca descansa de sua luta cíclica para viver.

SEM BEIRAS

Deserto sem beiras, telhados, com fundos impossíveis de alcançar. Não sei onde começa, onde terminas, sei apenas que intermináveis dunas te sustentam sem quebras. Quase duplicas o céu, combinando teus brilhos com as estrelas cada vez que a turbulência dos teus ventos noturnos despertam para fazer-te caminhar.



DEIXA-ME

Deixa-te enamorar um dia ou uma noite, o acaso leve-me ao vento, os olhos de areia, a pele de sol, a sede da boca e o vício de ter-te saudades, esperando que meus versos te encontrem no fim destas travessias.

GUARDO

Guardo nas asas toda a minha calma. Viver é saber esperar, verter a pressa no quarto escuro dos guardados. Meus ossos já não estão iguais, meu sangue alazão vai e vem, às vezes saem do lugar, os olhos são rios desaguando a vida.



AMORES SEM FRACASSOS

Prometeram-me amores sem fracassos, refugiados da solidão, catadores de companhias, fáceis de enredar e manter. Disseram-me que as trocas seriam automáticas e gratuitas, que a declaração alimentaria paridades, que os perdões superariam os equívocos, o sem-sentido se cobriria protegido, abonado e permitido.

REGRESSOS

Os que sonham com regressos, sabem o caminho de voltar, conhecem a vontade de somar o ontem e o hoje, o antes e o depois guardados em tempos de silêncios, ficaram com os assombros agarrados na pele sempre repartidos entre o ir para a casa da raiz ou ficar com a essência que era o único que ainda têm. A vida seguiu com amores infinitos, e eles foram ficando entre Líbano e a memória, entre o refúgio e o lugar que os acolheu.



PEDAÇO MEU

Um pedaço meu moleque e provocador veio bater à porta. Evaporado, reapareceu alguns anos depois falando árabe, na língua da minha infância. Plantou um cedro atemporal, logo espalhou memórias, fez-me lembrar de que dormimos e sonhamos muitas vezes juntos.

CAVO

Cavo alicerces, carrego tijolos, misturo a massa, teço o tapete, emolduro as fotografias, seleciono as canções, releio os livros, mastigo as uvas verdes, separo os figos mais maduros, limpo o pilão, moo a carne, molho o trigo. Cavo no canteiro, colho hortelã, salsa, tomilho, manjerona. Pastoreio as receitas da minha mãe, espero o milagre do azeite, do alho, do limão e do pão.



AMORES INÚTEIS

Amores inúteis, impossíveis, lugares onde se chora em tristes solidões, sonhos consumidos, lágrimas desperdiçadas, fogos apagados, carinhos desgastados, lutos e falácias. Amores inúteis, vozes em desuso, desgraças oportunistas, são barcos que não param de partir.

PARTIDA

Retenho a partida, não sei atravessar as faltas, a ausência das vozes, reconhecer o fim do fim. Ainda me iludo, acredito que o fim repete as marés, que sempre há volta. Corro na direção, na contramão de uma caravana onde carrego pedidos de solidariedade apoiado na procissão dos desnorteados, sem garantias de leite e do leite.



MINHA ÂNSIA NAVEGADORA

Minha ânsia navegadora se espalha novamente em secretos devaneios onde devoro o trigo do pão, o chimarrão, a carne em chamas abençoando a minha loucura moribunda e imperfeita.

GARANTIAS

Uma vez ofertados, há os amores que descansam antes do sétimo dia, atravessam dúvidas, temores, giram ao redor da insistente vontade de existir, são como um rio que não para de correr, um fogo que rende refúgio. Os amores ofertados buscam proteger-se da pressa que não sabe mantê-los.



OLHAR TRAVESSO

Um olhar travesso rouba beijos distraídos; uma atrevida mágica atira sem licença, um olhar travesso é um ladrão de graças puras, é como uma maré sempre cheia transbordando desejos declarados.

DAS DUNAS

As dunas caminham de acordo com o vento que lhes convenha. Amam a paz, a concórdia, aceitam seu destino impassível, transitório moldável, sua elasticidade milenar.



MINHAS INVENÇÕES

Imagino conhecer todos minhas invenções, reconheço meus sentimentos, cultivo essa intimidade como se pudesse guiar meu destino com liderança. Tento devolver-me um sentimento primordial. Aplicando o recurso de alternar memória e esquecimento, vou levando a vida. Congelo o passado como eterno, esquecido de que as lembranças são antigas e a memória pode ser esquecida.

EMBARCADO

Embarcado, mil passaportes, mil histórias, gastados sentimentos dispersos alimentando a solidão, beijos equivocados perdidos nas renúncias escondidos das tragédias. Movo-me com brigas fugazes, doses famintas que ataçam as desgraças, as noites ameaçadas por vestígios de novas e constantes fugas. O medo me atrai a seguir adiante, caminho sobre mares agitados orientado por gaivotas companheiras.



TÚ

Tu, água que se ausenta, ar que rareia fogo que incendeia. Durmo e desperto comemorando em sonhos presenças recicladas, enquanto a vida me participa de que virão os muros, mais obuses, mais fronteiras, mais repressão, mais mentiras, mais colônias, mais terras usurpadas, mais opressão.

SUAS EXISTÊNCIAS

Como se tivessem asas, as reputações costumam gritar quando lhes batem sem piedade. Pela sua sobrevivência, ao invés de dispersar-se, se enfurecem e se reúnem para retomar os caminhos que consolidaram seus nascimentos e sustentaram suas existências.



TRAMAS

Invento tramas que suponho ser o começo, quando, na verdade, são a síntese do que me precede.

ALEGRIA FUGAZ

Experimento manifestar uma alegria fugaz, falo ao coração, que se deixa fascinar pela autorização do prazer e faz a cama sabendo que nela irá dormir. É aquele que cuida do amor sabendo que ali irá pousar.



VIA DAS SEDAS

Das praças de Beirute aos jardins de Samarcande, incontáveis passos milenares cruzam a Via das Sedas, persistentes caravanas repetem o ritual da transposição cultural. Assistidas pelos ventos, pelos minaretes, pelas areias e pelo sol do deserto, as caravanas transportavam muito mais do que mercadorias, convicções e fês. No íntimo, revelavam a vontade de sair, doar novidades aos olhos e à alma, inovando paisagens.

O TEMPO NÃO APAGA

O tempo não apaga, Zgharta levada na mala em um punhado de terra, umas fotos propositalmente ocultadas para aguçar saudades. Um breve abraço trazido pessoalmente e um lenço de seda que junto com o cedro incrustado no anel guardariam as provas materiais de haver nascido lá.



CIRCULARES

Compra, fardo, mascate, suor, distâncias, vende, compra, fardo, mascate, suor, distâncias, compra, fardo, mascate, suor, distâncias...

MESMOS LUGARES

Uma justiça reparadora me permite rever, voltar aos mesmos lugares do prazer e da dor, saber se meus sonhos e meus medos ainda estarão por lá? Ver se as armadilhas foram retiradas, se as trincheiras seguem ocupadas, se o cavalo-de-pau sobreviveu, se o canto dos pátios não foi demolido, se os fantasmas que me habitam cá ainda seguem por lá.



EM CASO DE MORTE

Durante anos me prometeram que ao morrer reencontraria meus mortos queridos. A impaciência me fez antecipar esses encontros, diariamente eles me visitam, com eles converso, exponho-lhes minhas angústias, meus medos, minhas dúvidas, como sempre, pacientes me oferecem seus tempos eternos confirmando a antecipação das minhas vontades de estarmos juntos.

LIBANO SANGRANDO

Passo sem contratempos por mártires, carros cobertos de danos, praças abandonadas, ruas estreitas que abrigam atiradores. Rumores de ataques iminentes antecipam uma fuga, recursos insuficientes em coragem e armamentos fazem deste mundo um sub sem escolhas. Circulando entre violências internas e externas, me livro dos estigmas que me perseguem como sombra para justificar tantos fuzilamentos.



AMORES FASCINANTES

Há amores fascinantes, de enorme intensidade, parecem estrelas pulsantes, parecem explosões intergalácticas, um absurdo convincente, uma vastidão de bem-vindas incoerências paralelas.

VEDA-SE

Veda-se a passagem daqueles que queiram compartilhar seus pessimismos com os desertos. A inserção dos desertos requer acessórios, deve-se estar preparado para abandonar o poder; suportar os atrasos e os cansaços. Se as portas se abrem para os convidados, não oferecem avisos. Ali com frequência se inverte a ordem dos enunciados, dos ventos, dos permanentes silêncios.



UM PÁSSARO

Um pássaro começa a dar voltas. Veio em busca de cura para seus vazios. Guarda uma quota de suas forças para identificar o sabor da flor que apazigue seu apetite.

O SOM DOS VENTOS

O som dos ventos nos desertos ampliava os contatos com o horizonte que nunca chegava. A nuvem desertora animava o sol sobre as peles, pedras. Nos desertos, o som dos ventos é extenso capital, veloz, que não foge do seu destino irremediável.



O CORAÇÃO DOS MARES

Aparece a saudade, o descaso, um tempo novo; aparece a noite mais escura, as gerações esquecidas, presenças descontroladas, rotas incrustradas entre a solidão e a multidão, o linho surrado, as velas fenícias cansadas de buscar o coração dos mares.

MARINHEIROS FENICIOS

Marinheiros fenícios honravam suas sedas, seu alfabeto, seus cedros, suas coragens, forças atávicas daqueles que de porto em porto criaram as rotas marítimas, as naves seguras, tutelando sua cultura, arquivo de tradições milenares, motivo de suas longas vidas.



A MESMA AREIA

A mesma areia da tempestade, depois se faz serena. A mesma duna da noite gelada depois se faz escaldante. As mesmas caravanas transportam na ida e na volta muitos motivos para que esperem suas chegadas e lamentem suas partidas.

ACOSTUMAR-SE

Para acostumar-se com a vida, com a ferida, com a paixão, com a descoberta e a desapareição; para acostumar-se a não curar, para tratar presumindo que seja esta a essência da reciprocidade, para acostumar-se à mútua e compartilhada acolhida, presumo que todos se ofereçam para juntos lograrem ser melhores.



AMA A QUEM

Ama a quem te festeja nunca a quem te despreza.

NO DESERTO

No deserto, os humanos plantam e colhem convertendo as confidências em práticas de reparto, o cruel abandono se faz revertido em denúncia e as debilidades em lições. Os humanos avisam dos perigos, exilam a solidão quando se aproximam para compartilhar animados nesse lugar onde todas suas vozes se homenageiam ao se encontrar. Estabelecem solidariedades entre cantos e conversas, exercem práticas compartilhadas, recuperam territórios, voltam a significar o protagonismo e dar sentido à harmonia construída que permitirá aproximações e realizações comuns.



NO POUCO QUE RESTA

Refugiar-nos no pouco tempo que resta, nos fios que nos esquecemos de romper, nos olhares com que ainda nos vemos nos sonhos sustentados com o pouco que resta.

OS MARES ESCUROS

Os mares escuros aglomeram tristezas, especialmente os mais difíceis de navegar, é o lugar predileto para a desova da reprodução, da decepção, da profanação dos inocentes, das mórbidas rupturas rodeadas de mistérios e sonoridades estranhas. Algumas mariposas com quatro aletas costumam atravessar continentes para desovar as mágoas nestes mares. Ali despejam antigas identidades para saírem dissimuladas em cumprir seus destinos de irresistíveis sereias.



TEMPOS E MEMÓRIAS

Tempos governados por distraídos dão as costas para o rumo da história que só avança. A mágica saudade desordena as memórias, através delas ninguém se atreve a dizer que não viaja pelos tempos reinventando o poder da transformação alcançada entre a Memória – mãe e filha dos desejos e o Tempo - pai e filho dos sonhos.

ARCO-IRIS

As linhas do arco-íris são curvas, uma escultura viva, crônica de tentativas da Terra em alcançar sonhos distantes. É a extensão dos minaretes, um rastro dos mistérios que não puderam ser contados, uma homenagem convertida, uma dispersão de cores e movimento que parecem confirmar a busca de uma nova moradia.



MAIS ALÉM

Quando narro a desértica jornada, parece que invento o infinito; quando vejo, pareço já haver olhado; quando inativo, sinto-me voar e, sendo múltiplo, me sinto só; quando me aventuro, acentuo meus medos; quando acentuo a magia, converto a morte em ressurreição.

A FONTE DAS SAUDADES

Não há só uma fonte para as saudades, elas ficam cansadas de tantas solicitações, de suportar tantas renúncias, adiamentos, aflições. Visitam almas, o preço é eterno, a dívida imensa, o arrependimento maior, despidos os adiamentos, as soluções menos custosas, os disfarces fragilizados, as mortes apressadas, as efêmeras escolhas, os agrados últimos.



POR ONDE

Por onde andaré minha alma? Estará escondida entre mistérios esquecidos, mortos rebelados, casas demolidas? Estará minha alma na paixão desassistida, no sonho interrompido, na carícia naufragada, no céu encoberto, no prazer apagado? Estará refugiada na vergonha, escondida, dobrando a esquina, no banco da praça, revoando no pássaro migrante, voltando às origens, ao seu lugar entre os ancestrais?

OLHAR PARA TRÁS

Olhar para trás é uma das práticas antropológicas mais antigas da humanidade. Esse olhar nos permite resgatar a origem e a ascendência.



SENDO

Sendo a delicadeza, representante da elegância, da justiça e da verdade, constrói realidades passíveis de modelar a vida de gerações subsequentes, reafirmando, renovando e construindo o existir.



APRESSADOS

Os amores efêmeros não se sustentam porque nunca são direcionados às pessoas.

AS FALSIFICAÇÕES

As falsificações da realidade evocam afetos reais, dores reais, memórias, decepções, elas não são inócuas; deixam feridas.



CADA UM

Cada um constrói a sua história; uns para melhor, outros para pior. Cada um é responsável pelas escolhas que faz e pelo destino resultante delas.



A PARTILHA

A partilha espera a companhia do melhor de cada um repartido para lograr uma soma. Então a contrapartida será um convite à participação protagonista e ativa como um adorno que confirma que é possível trocar.

UMA PAISAGEM

Ao computar as emoções se aprende a olhar o que não se vê.



REFENS DESCRENTES

Um dos fracassos da humanidade está representado pelo desencontro que produz refêns descrentes dos vínculos, cativos da ausência de símbolos, necessitados de hospedagem, de intermediários que lhes deem novos sentidos à vida, que lhes tire da solidão, do vazio sem sentido para com eles criarem identidades mais dignas.

A RECEPÇÃO

A recepção e a acolhida buscada esperam ser encontradas nos sorrisos transmissores, como mágicos tesouros condutores da letra que traduz uma rota por onde a alma voa para se encontrar.



TRAJETOS

A areia insone que devora, o cansaço que esgota o caminho que desenha o infinito, o desespero que domina a água que delira no labirinto nas dunas, a vertigem que rabisca passos vencidos inventando oásis colhendo fogo vestido de sol.

IDAS E VOLTAS

As idas são tantas, as voltas menores, numa tentativa de acompanhar tantas circulações, tantas mudanças, tantas tentativas para salvaguardar imprevistos. Atualizados, os olhares desaprendem a ver. Desatualizadas esperanças dessincronizam dos amores que chegam hoje padecendo amanhã.



A VIDA

A vida é bela, bruta, descerebrada, ignorante e rústica, uma obra incompleta pedindo novas versões.

NO MEU EXÍLIO

No meu exílio, uma chave guarda a hora de voltar.
No meu sonho, o cedro, secular sentinela guarda
pacientemente as montanhas, o caminho por Achrafieh
procurando as sementes, escutando das crateras o
lamento que dali saiu em cortejo até o porto das
despedidas.



RECUSAS

Enfrento recusas infinitas nestes tempos de bocas
caladas e pazes arrancadas, esperanças evaporadas e
os amores fraturados.



TERNURA

A manutenção da ternura exige muito talento.

MEMÓRIAS

Desobediências desordenadas mutilam as memórias.



VERTIGENS

Teus olhos carregam dilúvios, teu corpo expropriado
carrega vários desertos, teu silêncio guarda refúgios.
Nossas vertigens crescem na cimeira do gozo.



VÍCIOS

Esmagadas as consciências por brutalidades morais,
banalizam-se os espantos, se erotizam os riscos e se
viciam as fragilidades.



Roberto Curi Hallal

